

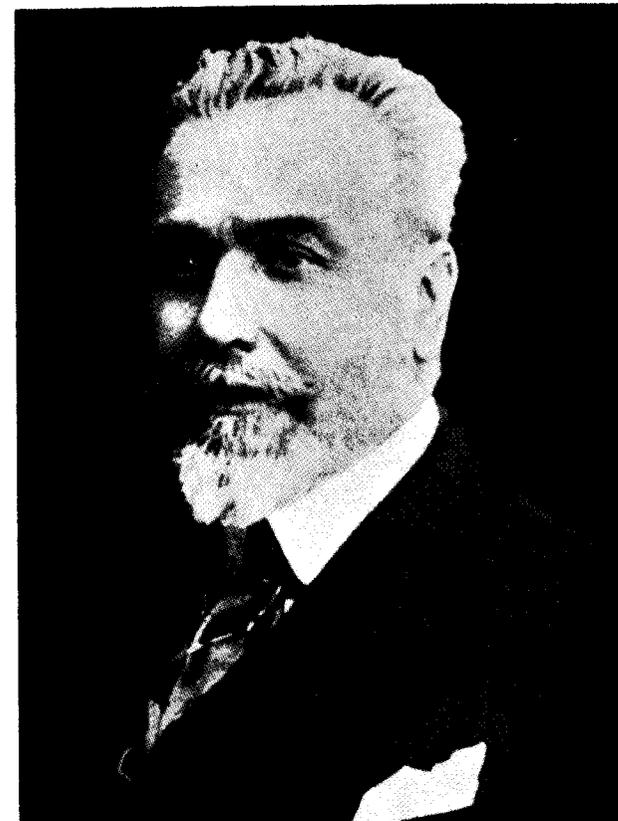
## SILVA TELLES, INTRODUTOR DO ENSINO DA GEOGRAFIA EM PORTUGAL

### I

SILVA TELLES constituía, aos 69 anos, uma figura inesquecível de professor. Alto, direito e encorpado, possuía uma bela cabeça morena, emoldurada pelos cabelos e pela barba completamente brancos. A palavra fácil e brilhante tornava as suas aulas atraentes. Havia nele um misto de solenidade e de finura que impunha respeito sem deixar de atrair. Depois da aula, com simplicidade e distinção, atendia os alunos que se lhe dirigiam e a conversa tomava logo um rumo elevado e proveitoso. Recordo-me de um colega me ter contado ouvi-lo, de pé, no corredor (na velha Faculdade de Letras não havia gabinetes nem lugares de convívio), dissertar por largo tempo sobre o tráfico dos grandes estreitos e canais.

Às vezes, nas três aulas seguidas, sentia-se que reagia energicamente a certa fadiga que o desgaste da idade havia produzido. Mas a maior parte das suas preleções eram modelos de facilidade e de elegância, de uma invulgar capacidade de comunicação. Todos atentos, saíamos *consolados* da aula e o estudo tornava-se um prazer de emulação, pois ninguém desejava decepcionar este professor exigente. Uma manhã, brutalmente, soubemos do seu falecimento súbito, vítima de uma crise cardíaca, depois do jantar do dia 20 de Maio de 1930: na véspera tínhamos tido com ele as aulas habituais.

Raras vezes a perda de um mestre foi sentida com tão sincera e espontânea emoção. De qualquer modo era o último ano que ensinava, pois no seguinte alcançaria o limite de idade. O radioso céu de Maio cobriu-se de nuvens, como se o clima quisesse prestar o último preito a quem lhe tinha



SILVA TELLES  
(1860-1930)

dedicado tanta atenção nos seus estudos. Para mim, aluno do 2.º ano, esta súbita desapareição foi tanto mais dolorosa quanto me havia convidado, na tarde anterior, a ir no domingo seguinte a sua casa, ver os seus livros e papeis e falar de uma vocação que ao mestre experiente não tinha passado despercebida. O seu ensino confirmou-me na inspiração haurida na leitura atenta do *Tratado de Geografia Física* de DE MARTONNE e na meditação dos *Princípios de Geografia Humana* de VIDAL DE LA BLACHE (depois do 2.º ano deixei a aprendizagem do Árabe e continuei a estudar História por curiosidade e obrigação mas sem ideia de me dedicar a ela). Doze anos depois havia de suceder-lhe na cátedra, durante esse tempo deserta. Afinal foi um autor com quem não mais deixei de conviver e muito tenho recordado nos meus estudos actuais sobre regiões portuguesas — 45 anos depois das aulas que lhe ouvi!

Seu primo, amigo, colega e condiscípulo FRANCISCO REIS SANTOS <sup>(1)</sup> (eram ambos médicos, como outros professores da Faculdade de Letras) traçou comovidamente um perfil humano que se resumirá aqui.

FRANCISCO XAVIER DA SILVA TELLES nasceu em 1860 em Pondá, Goa, de uma família europeia nobre, numerosa e de poucas posses, que seu pai, administrador das matas do Estado, dirigia à antiga maneira patriarcal. Um avô tinha sido governador de Damão. Era o que na terra se chamava um «descendente», de estirpe portuguesa nem sempre sem mistura de sangue, que o tom bronzeado da tez parecia revelar. Terminado o liceu em Goa veio para a Metrópole em 3.ª classe, para seguir no Porto o curso de medicina: os recursos do pai não davam para mais conforto. A sua distinção e aprumo fizeram que o comandante, notando-os, o passasse para a classe superior.

Dois anos no Porto, os restantes em Lisboa, sem descurar os estudos onde se colocou sempre em primeiro lugar,

---

<sup>(1)</sup> *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 1934, n.ºs 7 e 8, onde vêm vários discursos dedicados à memória de SILVA TELLES, celebrada naquela Sociedade quatro anos depois do seu passamento; a maior parte são nulos. Incluí a sua bibliografia, embora não completa.

participou na agitação de ideias e na boémia literária que o Centenário de Camões desencadeara na capital. Terminado o curso, partiu para Moçambique como médico naval e foi nomeado director do Hospital de Inhambane (1886).

Embora nascido no mundo tropical, é o seu primeiro contacto científico com ele e o despertar, à margem da Medicina, das preocupações de Antropologia e de Colonização e, por intermédio destas, de Climatologia. Dois anos depois voltou à Metrópole e, numa curta estadia em Paris, seguiu o ensino de Antropologia de MANOUVRIER, para o qual, como médico, se sentia especialmente inclinado. O seu condiscípulo CÂMARA PESTANA pretende atraí-lo para a criação, no Instituto Bacteriológico, de um instituto de cultura superior, projecto que a trágica morte daquele fez gorar. Ao mesmo tempo SILVA TELLES participa com entusiasmo no movimento de ideias que, por meio de conferências públicas, se procura suscitar na Academia de Estudos Livres, no Ateneu Comercial e na Sociedade de Geografia. Em 1890 publicou o seu primeiro trabalho de Geografia sobre «A partilha da África» (*Anais do Club Militar Naval*). Este trabalho não é estudo de Geografia política mas uma análise da forma como os diferentes povos europeus resistem ao ambiente, prosperam ou degeneram e se conseguem mestiçar com os naturais. São propriamente os fundamentos da dominação colonial que se examinam à luz do problema da fixação do *trop plein* (*sic*) da população europeia. Noções de Geografia, de Antropologia e de Higiene tropical aparecem assim estreitamente entrelaçadas por quem praticava estas três ordens de estudos.

A sua experiência africana, as viagens que empreendeu, não serão alheias a uma vocação que hesita entre a Medicina (em 1895 funda o laboratório bacteriológico do Hospital da Marinha), a Antropologia, a Geografia e o domínio um tanto vago dos estudos coloniais, que ele imaginou sempre sob a forte disciplina da Climatologia («A colonização portuguesa nos climas tropicais», *idem*, 1891). Em grande parte à sua custa, consegue que um irmão se forme também em Medicina. Nesse ano constituiu família, revelando toda a afectividade do seu carácter só aparentemente austero e reservado. Voltou a África, desta vez a Luanda, separando-se dos seus por dois anos, amadurecendo a sua experiência tropical, estudando

e trabalhando com afinco. Outra vez em Lisboa tomou a iniciativa da organização de um Congresso Colonial (1901) que desse à nação a consciência de um património longe de ser conhecido e convenientemente explorado. Quem alguma vez preparou um certame deste género sabe quanto ele exige de trabalho, de método e de ordem. O jovem «colonialista» impôs-se por todas estas qualidades e por uma longa comunicação sobre «A transportação penal e a colonização».

## II

Em 1902 entrou no magistério como professor da Escola de Medicina Tropical, onde ensinará Climatologia e Higiene; em 1904, «num concurso brilhantíssimo» e disputado (nada menos de 30 concorrentes!) obteve a cadeira de Geografia que o Curso Superior de Letras acabava de criar. Professores do liceu, médicos, advogados, empregados superiores das alfândegas, oficiais do exército e da armada, sentiam-se capazes de ministrar o novo ensino: é curioso notar que mais nenhum deixou qualquer trabalho de relevo na Geografia e que seria profundamente decepcionante enumerar as respectivas teses de concurso. Os arguentes eram os outros professores da escola. SILVA TELLES utilizou largamente a biblioteca da Sociedade de Geografia e, no gabinete que aí ocupava, deixava à disposição dos seus opositores os livros que ia manuseando. Teve papel decisivo na escolha ADOLFO COELHO, introdutor da Filologia e da Pedagogia entre nós, discípulo de WUNDT e, como o célebre filósofo e psicólogo alemão, de universal e ávida curiosidade. A primeira lição de SILVA TELLES foi tão clara, concisa e elegante que a ninguém deixou dúvidas quanto ao resultado do concurso.

Nos seus títulos indicam-se seis pequenos trabalhos de Geografia, mais de divulgação do que de investigação pessoal e a tese *A Conceção das Unidades Geográficas. Introdução à Antropo-geografia*, Lisboa, 1904. Este livro se, por um lado, revela grande extensão e variedade de conhecimentos, nada tem de pesquisa pessoal e possui directriz metodológica pouco firme. Nele se toma posição contra todas as formas de determinismo simplista, se procura mostrar a profunda imbricação dos elementos naturais para formarem as *unidades geográ-*

*ficas* e como se está longe do conhecimento sistemático «das íntimas dependências entre o *meio físico e as raças humanas*». Conclusão mais negativa que construtiva, arrastada por 140 páginas onde o autor revela muita erudição e pouca capacidade de tratamento original de um dos temas centrais da Geografia. Felizmente SILVA TELLES havia de fazer mais e melhor do que este simples exercício de virtuosismo concursivo.

Como tantos outros professores consagrados na cátedra, num ambiente onde a notoriedade não pode passar despercebida, SILVA TELLES deixou-se atrair pelas «sereias políticas», entrou para o partido progressista, foi eleito deputado no momento conturbado do fim da monarquia. Encerrado o parlamento por uma medida discricionária, prosseguiu na Liga de Educação Nacional, de que foi um dos fundadores, os propósitos reformadores do ensino que o haviam levado lá. SILVA TELLES procurou que o seu esforço de renovação se estendesse a outros graus de ensino e escreveu *Elementos de Corografia Portuguesa* para as escolas primárias, pensando talvez em elaborar compêndios para o liceu. O livrinho ultrapassa a capacidade das crianças a que era destinado, mas naquele tempo elas não eram consideradas como intelectualmente débeis e entendia-se que o ensino se dirigia às mais aptas e estas *puxavam* pelas menos favorecidas. Fixa uma nomenclatura, dá noções muito elementares de Cosmografia e de Cartografia, aqui e ali a descrição torna-se viva e aponta para as correlações que constituem a essência da Geografia. Estranhamente, este livro não teve mais edições, substituído por compêndios medíocres que apenas enumeram secamente e facilitam a retentiva pelos longos róis de nomes que contêm.

Ao mesmo tempo começou a frequentar os Congressos Internacionais de Geografia, a que apresenta comunicações que o tornaram notado. No de Genebra, 1908, é um dos 15 geógrafos encarregados de redigir uma definição de Geografia que correspondesse aos propósitos renovadores dos seus autores. Aí defende o ensino da Geografia como matéria autónoma, dentro de um conceito naturalista muito em voga na ciência de expressão alemã e anglo-saxónica e uma visão sintética e integradora no tratamento dos seus temas. Na Sociedade de Geografia de Lisboa, de que foi secretário geral,

assim como noutras agremiações culturais, mesmo de nível modesto, as suas conferências, modelos de elegância, concisão e comunicabilidade, constituem uma espécie de «defesa e ilustração» de uma ciência que entre nós se reduzia a um enfadonho rol de nomes e de números.

### III

O seu primeiro trabalho de fôlego é a «Introdução Geográfica» às *Notas sobre Portugal*, Lisboa, 1908, destinadas à Exposição Nacional do Rio de Janeiro. Os dados de obras de Geologia, de Economia e de Demografia são ordenados no sentido de uma visão geográfica de conjunto da terra de Portugal. Aí aparece, formulado pela primeira vez, o seu conceito de autonomia geográfica de Portugal, a que voltaria no fim da vida numa obra que já não pôde concluir.

«Portugal constitui, na Península, uma unidade geomorfológica. A sua forma rectangular, a distribuição dos seus degraus continentais, os caracteres das suas redes hidrográficas, os aspectos climáticos ao norte e ao sul do Tejo, imprimem ao nosso país uma feição especial que o torna diferente do resto da Península. Exceptuando a Galiza, que é um prolongamento geográfico do norte de Portugal e com este tem maior semelhança do que com as outras províncias espanholas, o continente português, embora geologicamente deva ser considerado uma parte da Península Ibérica, é, no ponto de vista dos seus caracteres geomorfológicos, bem diverso do reino vizinho. É justamente esta autonomia geográfica que mais influiu na sua formação política, e, em grande parte, para a expansão mundial que teve durante os séculos XV e XVI». (*Ob. cit.*, t. I, p. 2-3).

As variedades de terrenos e de exposição, de solos e de climas, são chamadas a interpretar a diversidade das regiões geográficas do território:

«Os elementos climáticos de que temos feito menção justificam plenamente o que dissemos quando nos referimos aos caracteres geomorfológicos das diversas regiões de Portugal

e às suas condições agrológicas. Por uma análise minuciosa, não seria difícil chegar a constituir um quadro climático suficientemente exacto de cada uma dessas regiões. Esse quadro serviria para interpretar a distribuição geográfica das nossas culturas e da flora em geral». (*Id.*, p. 29).

Enquanto a geologia e os solos se apoiam em trabalhos de especialistas locais, o tratamento do clima é mais desenvolvido e baseado nos conceitos formulados pelos grandes climatólogos alemães, que o autor estudara com todo o cuidado. Faltam infelizmente mapas e gráficos que visualizem a minuciosa informação. Mas é sensível a predilecção por uma ordem de fenómenos relevantes na interpretação geográfica, que constitui, através de toda a obra, uma das mais vivas curiosidades do seu espírito.

A distribuição das principais culturas, arvoredos e criação de gado, acompanhada de gráficos expressivos por distritos colocados por ordem geográfica, revela profundas diferenças regionais, que só se podem interpretar correctamente confrontando-as com o conjunto das condições naturais.

O excesso de mulheres nalguns distritos, o baixo crescimento demográfico, revelam a influência da emigração. «*A população portuguesa é vigorosa mas faltam-lhe neste momento instituições sociais que favoreçam o seu crescimento*».

«Terminamos aqui a nossa *introdução geográfica* sobre Portugal. É ela um simples esboço do que teríamos a dizer. Para ser completa, tornava-se absolutamente indispensável mostrar quais as relações de dependência entre os factores morfológicos, climáticos, biológicos e antro-po-sociais e, a propósito destes, indicar a distribuição de todas as manifestações da nossa vida colectiva. Uma *introdução geográfica* deveria também abranger o estudo da distribuição da intelectualidade sob todos os seus aspectos, da criminalidade, da loucura, etc. Não nos abalançámos porém a esse trabalho: havíamos já transposto os limites que nos tinham sido marcados». (*Id.*, p. 35).

Esta conclusão não se lê sem surpresa. O autor tinha a perfeita intuição de correlações que não procurou (e, no entanto, já BARROS GOMES o havia tentado 30 anos antes!)

e um conceito muito lato de Geografia humana que abrange aspectos que escapam a uma definição clara do seu conteúdo.

«Goa — Estudo de Geomorfologia» (*Bol. da 2.<sup>a</sup> classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. IV, 1910-1911) foi o primeiro trabalho português em que este qualificativo foi empregado, infelizmente mais apoiado em generalidades do que na observação local. Reconheceu no entanto a posição de Goa como sulco de penetração para o interior da Índia, a gigantesca muralha dos Gates, flectida e rendilhada pela erosão, e as planícies aluviais da margem costeira, que constituem as várzeas mais férteis e cultivadas de toda a região e sustentaram a sua prosperidade.

Dir-se-ia que estes exercícios de aplicação o encaminharam para a reflexão metodológica à qual devemos um longo artigo que é a sua obra mais original e mais meditada: «O conceito científico da Geografia» (*Rev. da Univ. de Coimbra*, 1916). Tudo sobreleva nele: a informação bibliográfica ampla, o esforço de reflexão pessoal, o exame crítico das várias linhas de orientação: *conceito-distribuição*, corrente na Inglaterra e que faz da Geografia pouco mais que uma mera disciplina descritiva e cartográfica; *conceito ontogénico* ou neo-ritteriano, divulgado por WILLIAM DAVIS que, embora meteorologista e geomorfólogo de grande talento, reduz a Geografia essencialmente à *resposta* dos seres vivos às condições do ambiente; *conceito naturalista* ou sintético, seguido pelo maior número de geógrafos e para onde vão as predilecções do autor, que aproxima a Geografia do espírito e dos métodos das Ciências da Natureza, tal como o seu fundador HUMBOLDT a concebera e praticara e era largamente seguido pela escola alemã, que contava o maior número de grandes geógrafos desde o terceiro quartel do século XIX.

Todo o trabalho é uma enérgica reacção contra a Geografia principalmente descritiva e contra a confusão com outras ciências vizinhas e subsidiárias.

«É o conhecimento desta síntese geral e das sínteses regionais e locais, revelando a estrutura conexas da superfície terrestre, que constitui a *teoria central* da geografia. Esta ciência estriba-se portanto em um certo número de princípios:

a) *Princípio de actividade ou de transformação*: significa uma instabilidade permanente das linhas fisionómicas da superfície emersa e imersa, alterações na forma, em altitude e profundidade, variações na localização, distribuição e densidade das coberturas vegetal e animal, mobilidade da massa humana e das suas actividades.

b) *Princípio de conexão ou de associação*: traduz o relacionamento geral da superfície, a associação por continuidade e contiguidade de todas as feições do globo, uma interdependência constante, causal, entre os caracteres da forma, do clima, das associações vegetais, dos aspectos topológicos da vida animal e dos movimentos humanos; mostra como essa interdependência varia de grau, tornando-se sucessivamente mais complexa, da geografia do solo à geografia do homem.

c) *Princípio de gradação ou de complexidade gradual*: a superfície da terra diferencia-se, complica-se, polimorfiza-se de idade em idade; a sua fisionomia é sucessivamente mais movimentada; às coberturas vegetal e animal, nas suas ramificações divergentes ou paralelas, segue-se a cobertura humana, mais complexa, mais flutuante, mais activa.

d) *Princípio de unidade ou de coordenação sintética*: a superfície do globo é uma unidade física e bio-humana, uma síntese geral constituída por sínteses regionais e locais.

e) *Princípio de finalismo ou de tendência para o equilíbrio*: há uma lei geral de formação, um encadeamento lógico entre as diversas fases da evolução da superfície: como um organismo vivo, cujo ciclo de existência obriga todas as suas actividades a uma polarização determinada, a face terrestre procura uma estabilização, que é incessantemente contrariada pela sua energia transformadora.

«Destes princípios surge a concepção de que a superfície da terra, com as suas feições intimamente conexas, é polimórfica e poligénica pela própria essência dos seus fenómenos; ela complica-se a todo o instante, revelando formações sintéticas, unidades geográficas parciais dentro de uma síntese geral. Chega-se deste modo ao conceito científico da geografia: é a interpretação das formas da superfície do globo e dos laços de conexão entre os caracteres geomorfológicos e climáticos com a localização e distribuição das coberturas vegetal e animal; é a explicação da interdependência entre todos estes

fenómenos e a cobertura humana considerada biológica e antro-po-socialmente nos seus movimentos. Alargando mais o conceito, poder-se-ia dizer que a geografia é a ciência da superfície da terra considerada como uma unidade orgânica. E como esta revela-se sob três aspectos, físico, biológico e humano, intimamente associados no tempo e no espaço, daí a divisão em geografia do solo ou geomorfologia, geografia da vida e geografia humana.

«Quando se compara esta concepção científica com a opinião tradicional de que a geografia é um amontoado de afirmações desconexas pertencentes a diversas ciências, reconhece-se a enorme distância que separa o mesmo conceito do velho espírito geográfico, e compreende-se como a reacção contra esse espírito só recentemente pudesse estabelecer-se orientada por uma nova corrente filosófica e por uma sólida documentação derivada das ciências afins. A geografia tem de ser considerada como *ciência natural*, em todos os seus capítulos».

É sugestivo comparar este enunciado, que elaborara progressivamente nas suas aulas, com os princípios correntemente indicados em obras de grande divulgação, como o *Tratado de Geografia Física* de DE MARTONNE ou a *Geografia Humana* de BRUNHES. Em ambos figura o princípio da conexão ou da coordenação e, no primeiro, o princípio da extensão, que SILVA TELLES omite por uma reacção contra tendências que poderiam assumir feição descritiva, acrescentando-lhe os princípios integradores da gradação, da unidade e do finalismo. Há aqui, por um lado, uma visível influência da Filosofia evolucionista que ultrapassava, nas suas conclusões, as premissas do transformismo, e que SILVA TELLES haurira nos seus estudos de Medicina e de Antropologia; por outro lado, a subestimação de um princípio que consagrava as preocupações de distribuição-descrição, contra as quais energicamente reagia.

Não se encontra neste trabalho uma definição pessoal de geografia, porque o autor aceitara simplesmente, embora sem o pôr no devido relevo, o claro e conciso enunciado de DE MARTONNE.

«O conceito especial da geografia e os princípios em que esta se estriba dão-lhe um domínio considerável, mas não lhe permitem uma ambição enciclopédica. Com limites mais precisos e melhor definidos, nenhuma confusão é lícita entre ela e as ciências que lhe são afins. O conceito da relação geral obriga-a a uma observação plurilateral e não simplista dos fenómenos, ao conhecimento da unidade dentro da variedade, e da interdependência entre os fenómenos aparentemente desconexos ou dissociados. No campo antropogeográfico, mostra-nos o aspecto lógico da movimentação humana, dos seus caracteres topológicos, esclarece a sua circulação e as suas fases de recuo ou avanço, de retracção ou expansão. É uma ciência profundamente educativa, porque chama as nossas actividades intelectuais a uma laboração mais extensa, atraindo-as em várias direcções e habituando-as a uma visão do conjunto. E no domínio moral, pelo seu conceito científico, é sem dúvida a ciência que melhor disciplina o carácter, desviando-o da forma unilateral de resolver os problemas da vida».

É esta a conclusão de SILVA TELLES, onde são patentes, além das preocupações de geógrafo as de professor e, mais do que isso, de educador. O exercício da Ciência aparece assim integrado nas formas mais elevadas da vida social e nas mais nobres preocupações do espírito. É indispensável conhecer os traços morais da personalidade de SILVA TELLES para compreender toda a largueza dos seus conceitos científicos. Esta a razão por que várias vezes referimos o homem através de episódios da sua vida.

#### IV

SILVA TELLES constituíra uma família como aquela onde fora criado, numerosa e unida por profundos laços afectivos. Em 1914 morreu-lhe o filho primogénito, brilhante aluno de Engenharia em quem depositara as maiores esperanças: foi um golpe rude, a que se seguiram outros igualmente dolorosos. A estes lutos reagiu procurando lenitivo no trabalho e a sua personalidade, enérgica e austera, como que se humanizou com o sofrimento.

SILVA TELLES foi, em toda a longa existência da Sociedade de Geografia de Lisboa, o único geógrafo a ocupar um cargo directivo — secretário geral durante 12 anos — que aproveitou para procurar aproximar aquela corporação do movimento científico e da vida internacional. Durante uma parte do tempo foi presidente o Almirante ERNESTO DE VASCONCELLOS, autor de um útil manual sobre *As Colónias Portuguesas* (não há outro!) que exemplifica precisamente a tendência descritiva da Geografia contra a qual SILVA TELLES reagiu com tanto vigor. Tradicionalmente aquela associação fez um trabalho meritório no campo da história das explorações geográficas (basta recordar a obra de outro dos seus presidentes, LUCIANO CORDEIRO) e no conhecimento, embora dispersivo e inorgânico, do Ultramar. Estranha agremiação de oficiais da armada (Marinha e Ultramar constituíam, na monarquia, um ministério único), de exploradores, de homens de negócio interessados em África, de candidatos à vida política de que chegou a constituir uma antecâmara, foi-se afastando progressivamente da vida científica e o seu *Boletim* é, há muitos decénios, de uma desoladora falta de interesse. Ainda muito recentemente a um político de nomeada, professor de Direito administrativo, sucedeu, como presidente, um oficial de marinha!

SILVA TELLES foi também o único geógrafo da Academia das Ciências de Lisboa, que tem mantido todos os outros fora do seu grémio. FERRAZ DE CARVALHO, que iniciou na Universidade de Coimbra o ensino da Geografia, era sobretudo geólogo e geofísico, MENDES CORRÊA, que também inaugurou, na Universidade do Porto, o mesmo ensino, alcançou celebridade como antropólogo (foi depois também presidente da Sociedade de Geografia), GONÇALVES PEREIRA passou cedo da Geografia Económica, onde sucedeu a SILVA TELLES no Instituto Superior de Comércio, exercendo sempre a profissão de advogado, para a Economia, assim que houve uma cadeira disponível; o último «geógrafo» eleito para a douta corporação foi um distinto oficial de marinha, autor de trabalhos da especialidade, «que entrou no maior número de portos». Os levantamentos feitos no Ultramar e a gloriosa travessia aérea do Atlântico deram ao almirante GAGO COUTINHO uma aura de geógrafo de que ele próprio estava convencido, quando

SILVA TELLES tinha cuidadosamente distinguido os exploradores dos geógrafos, embora prestando àqueles o preito devido à sua energia física e moral. Foi aquele almirante que criou no Ministério das Colónias uma Comissão de Cartografia depois transformada na Junta das Missões Geográficas, que fez a cobertura geodésica e o levantamento cartográfico de vários territórios ultramarinos. Pode dizer-se que a acção de SILVA TELLES foi nula nos organismos científicos a que pertenceu — de tal modo são tenazes as ideias feitas e a confusão da Geografia com um dos seus imprescindíveis instrumentos de trabalho — a Cartografia. Nos próprios Congressos Internacionais de Geografia os geógrafos tiveram de lutar para impor os seus conceitos aos cartógrafos e exploradores <sup>(2)</sup>.

Em 1922 tomou parte nas provas de doutoramento de AMORIM GIRÃO na Universidade de Coimbra — as primeiras que se fizeram entre nós. O candidato trazia a bagagem das observações de campo, que SILVA TELLES nunca fez, e de um conceito diferente da Geografia, haurido principalmente na escola francesa, enquanto a formação do arguente era mais alemã e anglo-saxónica. Defrontaram-se, ou antes, confrontaram-se com a maior serenidade e elegância. Disse-me, muitos anos depois, AMORIM GIRÃO: «Creio que não fiz má figura, mas a impressão que deixou SILVA TELLES foi excelente e comportou-se comigo com toda a generosidade».

## V

À sessão de Roma de 1924 do Instituto Colonial Internacional, com sede em Bruxelas, apresentou SILVA TELLES um extenso *Rapport sur la Climatologie Intertropicale et les Climats des Colonies Portugaises*, Bruxelas, 1924, 108 p. — o seu mais extenso e mais original trabalho de climatologia. As perspectivas, dificuldades e possibilidades da colonização branca nos trópicos constituem a mais antiga preocupação geográfica de SILVA TELLES e o tema de alguns dos seus primeiros trabalhos.

<sup>(2)</sup> V. O. RIBEIRO, «Um mestre da Geografia do nosso século: Emmanuel de Martonne», *Finisterra*, 16, 1973, especialmente p. 242-255.

«Le mouvement colonial contemporain a donné une impulsion considérable aux études de climatologie et contribué à leur orientation scientifique qui devient chaque jour plus dominante. La reconnaissance géographique des terres intertropicales et la détermination de leurs caractères phytologiques dans leurs rapports avec le milieu physique sont venues accentuer encore cette orientation, en révélant que les climats sont des expressions géographiques, fonction de nombreuses variables, et non pas, exclusivement, des résultats du facteur latitude».

Esse conhecimento não serve apenas a curiosidade científica mas a própria colonização, principalmente sob a forma da fixação dos colonos brancos numa África que lhes era considerada «absolutamente hostil».

«Dans ce travail que je remets à l'Institut Colonial International, je fais, sur cette question, des assertions qui ne cadrent pas avec la climatologie classique; cependant, je suis certain qu'elles seront confirmées au fur et à mesure que le réseau météorologique des colonies deviendra plus complet et que nous aurons acquis une notion parfaite de leurs aspects géographiques».

A experiência da sua Goa natal, de Inhambane e de Luanda, onde servira como médico naval, e as viagens que efectuara a bordo de navios de guerra, apoiam a originalidade das suas asserções.

O relatório divide-se em duas partes: os climas inter-tropicais, classificação e originalidade, e uma revisão, à luz destes princípios, do que se sabe sobre o clima das colónias portuguesas. Os elementos fundamentais do clima são a *temperatura* e a *humidade relativa* (noção em que insistia nas aulas), função não apenas da latitude mas de múltiplas variáveis, que fazem da Climatologia uma espécie de «meteorologia geográfica», marcada por diversidade extrema. A noção de *clima equatorial* e de *clima tropical* aparece com toda a clareza. A zona intertropical tem 50 milhões de km<sup>2</sup> e 600 milhões de habitantes: para além das suas reservas minerais, vegetais e animais, importa, numa Europa em

expansão, reconhecer as áreas favoráveis à colonização de povoamento.

Tendo em conta os movimentos gerais da atmosfera e a influência das massas continentais e da altitude, o autor propõe uma classificação dos climas intertropicais que faz ressaltar a sua real variedade, marcada por grande regularidade dentro dela. Essa classificação é a seguinte:

«*Climats intertropicaux.*

C. — Équatoriaux:

- a) littoraux;
- b) continentaux.

C. — Tropicaux:

- a) littoraux;
- b) continentaux;
- c) Brises générales:
  - a) continentales;
  - b) maritimes;
  - c) de sous-le-vent;
  - d) de au-vent.
- d) moussons.

C. — Tropicaux de transition ou marginaux:

- a) mésothermiques;
- b) hyperthermiques.

Climats à altitudes:

- a) altitudes extrêmes;
- b) altitudes moyennes;
- c) altitudes inférieures».

Como se vê, ela afasta-se tanto da rigidez sistemática de KÖPPEN como da exemplificação regional de DE MARTONNE, mais maleável que qualquer delas e, por isso mesmo, introduzindo excessiva variedade e atendendo a condições de exposição e altitude mais próprias para definir, dentro de grandes conjuntos, variedades regionais e até locais. Aparece

também a preocupação, sensível desde os primeiros trabalhos de SILVA TELLES, de correlações mais ou menos favoráveis à fixação de europeus.

«On comprend dès lors l'extrême importance de la documentation scientifique que la climatologie recueille peu à peu sur la diversité des climats intertropicaux. Le Continent africain, vers où se dirigent les plus agissantes activités de l'Europe, est hostile ou hospitalier à la fixation européenne selon la région que les immigrants veulent coloniser. Le problème de la colonisation exige, au préalable, une connaissance des climats locaux ou régionaux. Les principes de la climatologie moderne nous montrent la ligne de conduite à suivre en ce qui concerne l'orientation de nos études. Nous devons mettre de côté les idées anciennes qui faisaient de l'Afrique tropicale un brasier. On a beaucoup travaillé en toutes les colonies, mais il est absolument indispensable de resserrer davantage le réseau météorologique. Dans ces contrées ce sont les exigences agricoles et démographiques qui orientent les travaux climatiques. En Europe, nous n'avons pas à nous préoccuper de la question de notre adaptation au milieu. Elle est déjà faite; mais dans les pays tropicaux le principal but à viser est celui qui touche l'examen des conditions d'existence qui entourent les Européens qui vers eux se dirigent. Ce que nous avons dit sur les variétés climatiques intertropicales, où dans quelques-unes la vie est possible sans déchéance organique et en d'autres où la fixation ethnique ne peut être réalisée si grand que soit le résultat de la lutte engagée contre les parasites, nous indique la marche à suivre. Voilà, nous le croyons, la question dominante en sciences coloniales».

Pela sua aptidão a «pensar em conjunto» o clima da zona intertropical SILVA TELLES foi um precursor da *Geografia zonal*, cedo entrevista por DE MARTONNE e definida com vigor por este grande geógrafo em 1946, mas que só nos nossos dias está recebendo um tratamento sistemático e completo. Para a época, o longo estudo de SILVA TELLES é um trabalho pioneiro e mostra como este geógrafo, que não possuía a preparação e o temperamento de investigador, tinha o sen-

timento muito vivo das orientações renovadoras da ciência geográfica.

A segunda parte da extensa comunicação passa em revista desenvolvidamente o clima de todas as colónias portuguesas, segundo a escassa documentação disponível e extrapolando, conforme os princípios gerais enunciados, onde ela não existe. As possibilidades de fixação de europeus são constante e cuidadosamente consideradas.

«En partant du littoral vers l'intérieur, l'intervention du facteur océanique diminue et augmente celle du facteur continentalité. A l'intérieur il existe une saison bien caractérisée; l'amplitude thermique annuelle est plus haute et notre organisme s'adapte mieux à ce rythme d'oscillation des deux éléments climatiques. La variation saisonnière n'est pas exactement pareille à celle des climats méditerranéens; mais la température, avec ses amplitudes, et l'humidité relative beaucoup moins élevée et variable d'un mois à l'autre jusqu'à l'époque où il ne pleut point, rendent ces climats particulièrement bienfaisants aux Européens. En évaluant la zone haute à environ 60 000 kilomètres carrés, on comprend, dès lors, la valeur que cette partie de l'Angola offre à la fixation ethnique des races blanches».

## VI

Em 1924, a Biblioteca Nacional de Lisboa lançou o empreendimento grandioso da *Guia de Portugal* <sup>(3)</sup> destinado a revelar aos portugueses a riqueza artística, natural e pitoresca do país. SILVA TELLES aderiu com entusiasmo a este esforço colectivo dirigido por RAUL PROENÇA, que põe em realce o auxílio que dele recebeu. Escreveu uma «Introdução Geográfica» sucinta e descritiva mas, quer em relatos de itinerários, quer na introdução às províncias e regiões, deixou algumas das suas melhores páginas, analisando com finura a originalidade das paisagens regionais.

(3) Durante decénios não passou do 2.º volume. O 3.º é ainda aceitável, os restantes, devidos quase exclusivamente à pena de um continuador mediocre, desmerecem o plano grandioso da obra.

Dentre muitos extractos que podiam fazer-se escolhi dois passos particularmente significativos:

«O céu do Alentejo é em regra de uma limpidez estranha; as estrelas têm uma fulguração especial e própria dos climas secos. A bruma é pobre durante a maior parte do ano. Açoutada pelos ventos predominantes do oeste, dispersa-se, sem se condensar, sem poder ser útil ao solo ávido de água. A pluviosidade abundante é episódica. Os estios são muito quentes e de fraco grau higrométrico. Temperaturas com fortes desvios anuais, tanto maiores quanto mais longe do mar, e só aqui ou além atenuados por condições topográficas.

O revestimento vegetal desta província é por isso diverso do das terras que ficam ao norte do Tejo. Com excepção da nesga de S. Mamede, onde esplêndidos soutos fazem lembrar as paisagens da Europa Central, só se vêem, com pinheiros mansos junto do litoral, florestas de sobreiros na metade ocidental da província, em dois segmentos principais, um onde se espalham os afluentes do Tejo e outro na bacia hidrográfica do Sado, e mais para o oriente a predominância dos azinheiros e culturas arvenses. Os caracteres do solo e do clima permitem ao Alentejo aptidões verdadeiramente excepcionais para a cultura do trigo. Mas notam-se ainda imensas nesgas completamente nuas e largos trechos só cobertos de esteva. A cor verde-baço das flores dos sobreiros, dos azinheiros e das oliveiras e a pobreza dos arbustos e plantas anuais que com estas árvores se associam formam em geral quadros vegetais sem beleza, sobre os quais a vista não descansa com prazer». (*Ob. cit.*, II, p. 18-19).

«O Algarve é um retalho do território português que não se confunde com a terra andaluza próxima, nem com a província alentejana contígua, nem se assemelha à nesga do continente africano fronteiro. É uma região bem definida, um compartimento com feições características. O mar, a planície, a montanha, o céu sempre azul, o ar sempre transparente e limpo criaram este quadro geográfico, de uma beleza própria, sem analogias com a linda paisagem minhota, sem as arremetidas da envergadura beiroa ou transmontana e muito

diferente da face agitada e pluriforme da Península de Lisboa». (*Id.*, p. 192).

Não se pode fazer Geografia regional sem o mais fino sentido de cambiantes subtis que só um estilo exacto mas vibrante e comunicativo é capaz de captar. À exigência de rigor científico alia-se assim a forma colorida que convém a uma obra de divulgação entre um público não especializado. Entre as várias introduções geográficas recomenda-se ao leitor, como a mais vigorosa, a do Alentejo. Dos itinerários, talvez o das margens do Sado, de barco de Setúbal até Porto de Rei, limite da navegação: «não há paisagem que mais funda melancolia provoque» (*Id.*, p. 649-652).

O mais extenso trabalho de Geografia de Portugal é também o último estudo importante de SILVA TELLES, *Aspectos Geográficos e Climáticos* [de Portugal], Exposição de Sevilha, Lisboa, 1929, 96 p. (4). O título surpreende, quando em quase todo o volume se mostra a feição dominante do clima na diversidade geográfica sobreposta aos grandes traços estruturais, sumariamente aludidos, e os aspectos climáticos nem são tratados à parte nem com o desenvolvimento que receberam na «Introdução geográfica» vinte anos anterior.

Uma pendente geral para o oceano, para onde correm três dos cinco maiores rios peninsulares, não obstante massas de relevo interpostas, imprimem no território uma marcada influência atlântica («simbiose da terra e do mar», comprazia-se em dizer nas aulas) que lhe dá «fisionomia geográfica bem definida... principal alicerce de uma personalidade histórica» (p. 7).

Os trabalhos dos geólogos, principalmente a síntese de CHOFFAT, notável para a época («Notice sur la carte hypométrique du Portugal», *Comunic. dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. VII, 1907-1909), ministram-lhe as linhas estruturais essenciais, assim como a descrição «agrológica» de FILIPE DE FIGUEIREDO, *A Terra*, 2.ª ed., 1925, aliás fortemente apoiada na geologia, lhe permite escrever um capítulo sobre os solos, as suas aptidões e limitações. Mas a este fino geógrafo não escapou que os solos estão muitas vezes mais

(4) Completado com a conferência *A Nossa Terra*, referida adiante.

na estreita dependência das condições climáticas e topográficas do que da sua formação geológica. Para o fazer notar, apoia-se em dois autores americanos. A asserção é, na generalidade, criticável. Mas a vigorosa oposição dos solos de granito-xisto, por exemplo, é muitas vezes a de um relevo pouco ou muito dissecado e não a da composição própria da rocha-mãe.

O capítulo «Feições morfo-altimétricas e compartimentos geográficos» contém, sem a explicitar, uma divisão geográfica de Portugal. Uma comunicação ao *Congresso Ribatejano*, 1934 («O Ribatejo e os seus limites») constitui um modelo de geografia regional, individualizando uma área provida de nome tradicional, ainda que, como quase sempre, frouxamente definida, coincidente *grosso modo* com uma entidade administrativa. As cambiantes da paleta subtil da geografia regional são utilizadas com a maior finura, a partir da observação e não de uma classificação dedutiva das regiões em obediência a situações e contrastes, como o fizera o silvicultor BARROS GOMES, que SILVA TELLES aliás citava nas aulas como o fundador da Geografia científica de Portugal.

O leitor percorrerá com aprazimento as páginas deste livrinho, muitas ultrapassadas, outras de uma estranha modernidade, como todas aquelas em que se realça a função dominante do mar em diversos aspectos da Geografia portuguesa, desde os bosques à distribuição da população.

«Podemos concluir que da arquitectura geral do edificio português e da maneira como sobre este influi a massa oceânica resultam as principais tendências da grei: agrícola e marítima. Em toda a nossa história registam-se numerosos factos que mostram como o espírito nacional, nas suas actividades criadoras, oscilou entre essas duas tendências. Concorrendo como factor dominante do clima, o mar criou possibilidades de revestimento vegetal em 95 por cento da superfície, umas vezes auxiliado e outras contrariado pelas feições geográficas do território. As correntes marítimas litorais, a grande amplitude das marés, os caracteres batimétricos e os ventos constantes de oeste contribuíram para a abundância e diversidade da fauna do mar epicontinental. A população foi por isso atraída em dois sentidos. Discute-se

ainda se as empresas marítimas em que nos lançámos nos séculos xv e xvi não teriam contrariado, apesar do seu incontestável alcance político e económico, o desenvolvimento natural do País por uma maior valorização do solo. O Oceano encaminhou a grei para as actividades rurais, mas chamou-a também, por uma fortíssima acção centrípeta, a uma vida intensa no litoral e a descobrimentos de terras longínquas que deram a Portugal um lugar glorioso na História».

Em 1911 foi criado o Instituto Superior de Comércio e nele, necessariamente, incluídas cadeiras de Geografia económica. SILVA TELLES, que já possuía dois encargos docentes, foi naturalmente designado, pelo seu prestígio, para mais esta acumulação. Compulsando estatísticas e relatórios, fez séria preparação em Geografia económica portuguesa, relacionando sempre Economia e Demografia (emigração e colonização) com as condições geográficas. Parte das lições correm impressas, ao cuidado de alunos, textos que não podem considerar-se fidedignos. Numa conferência *A Nossa Terra. Aptidões económicas*, Lisboa, 1929, o próprio professor condensou uma parte do curso, que conservou até ao fim, paralelamente ao da Faculdade de Letras.

Depois da sua morte tal ensino passou por várias vicissitudes e não foi mais confiado a um verdadeiro geógrafo. Suprimiu-se sucessivamente a cadeira de Geografia Económica Geral (onde se ministrava o panorama da Economia mundial) e aproveitou-se a cadeira de Geografia Económica de Portugal e Ultramar... para o ensino da Teoria económica, proposto a quem faltavam todas as bases de conhecimentos práticos da economia do globo e dos territórios portugueses até que, sabiamente, desapareceu do elenco das disciplinas, ao passo que se criava o da História Social e Económica. Basta lembrar que na London School of Economics existe o mais importante núcleo do ensino geográfico inglês, ministrado por três dezenas de professores. Alta sapiência dos fabricantes de reformas entre nós...

Quase no fim da carreira, as «sereias políticas» voltaram a atrair SILVA TELLES, aceitando a nomeação de Reitor da Universidade de Lisboa e depois de Ministro da Instrução Pública (1929). Foi numa época de grande incerteza da vida

política da nação, corroída pelas lutas de partidos em torno da ambição pessoal dos seus chefes, a que sucedeu um governo de ditadura apoiado nas forças armadas e de tendência fortemente autoritária e reaccionária. Como outros, SILVA TELLES, embora de espírito liberal, aceitou este mal inevitável perante o descalabro administrativo do país.

A lei das acumulações fez com que abandonasse a Escola de Medicina Tropical, onde teve o primeiro encargo docente e depois passou a dirigir, fazendo dela um centro modelar de investigação e de ensino. Esta renúncia forçada foi-lhe penosa; a experiência de ministro uma desilusão que não aguentou mais de três meses, demitindo-se por discordância do ministério com orientações que entendera dever assumir. Com simplicidade, por certo com melancolia embora sem acrimónia, voltou ao ensino, lamentando apenas o tempo perdido numa experiência inútil. E assim se apagou definitivamente a carreira política de um dos mais prestigiosos professores do ensino superior... em proveito de medíocres e improvisadas competências. Conta-se que o seu escrúpulo o levou a pagar do próprio bolso a gasolina do automóvel do Estado em que se deslocava.

## VII

Os últimos anos da sua vida são contraditórios. Aplica-se ao ensino na Faculdade de Letras e no Instituto Superior de Comércio com meticoloso cuidado. Datam desta época dois opúsculos importantes de Geografia de Portugal (*Aspectos geográficos e climáticos* e *A Nossa Terra*) e a preparação de um estudo desenvolvido sobre a *Autonomia Geográfica de Portugal*, tema grato ao seu espírito, pela primeira vez aflorado em 1908 (v. p. 17), a da *Geografia de Portugal* encomendada para a famosa colecção *Labor* de Barcelona. Quem examinou o seu espólio disse que estes trabalhos constituíam notas informes e impublicáveis. Reservava talvez os lazeres da aposentação para elaborar estes livros. Mas, ao mesmo tempo, a ideia do fim próximo está patente na minúcia com que redigiu as últimas vontades e o destino da viúva e de duas filhas de quem era o único amparo (outra casada). No cimo da Serra da Lousã, numa excursão com alunos,

sentiu os primeiros rebates do mal que o havia de levar. É provável que, como médico, se não tenha iludido. Em todo o caso, na sua presença vigorosa e no entusiasmo do ensino não transparecia a ideia nem do afastamento nem da morte próxima. Até às últimas aulas, no dia em que faleceu, pôde dar a medida do seu robusto temperamento científico e humano. O destino, que o havia ferido cruelmente na morte dos filhos, poupou-o ao declínio da velhice. A sua obra ficou incompleta e não tiveram execução os dois trabalhos mais importantes que se propunha elaborar. É sobre pedras truncadas que, para além do seu ensino renovador, temos de apreciar a mensagem científica que deixou.

Assim foi SILVA TELLES como geógrafo. Introduziu no ensino um método rigorosamente científico, mas teve o mau sestro de associar, primeiro como assistente, depois como colega, uma criatura de desoladora nulidade, autor de uma extensa e diversificada obra da qual nada se aproveita, tão apagado como professor como autor. SILVA TELLES, que tanto entusiasmo suscitou no ensino, despreocupou-se de criar uma escola de Geografia embora a Geografia liceal, apoiada em trabalhos práticos e numa sistematização rigorosa, tivesse sido inteiramente renovada pelos seus alunos, espalhados pelos quatro cantos do país. Os seus trabalhos, escritos ao sabor de solicitações estranhas, são desiguais mas deixam, de vez em quando, a luminosa impressão de um geógrafo de pulso e de talento. Outras vezes o excesso de uma preocupação sistemática levou-o a empregar uma terminologia rebarbativa com que sobrecarregava algumas das suas aulas. Foi-lhe desfavorável o ambiente universitário, pouco receptivo à autêntica criação científica, dispersou-o um ensino esgotante donde lhe provinham os recursos com que fez face às prolongadas doenças dos filhos e procurou assegurar o futuro dos que lhe restavam. É possível que este autodidacta, que veio para a Geografia através de viagens e reflexões, acompanhadas de vastas leituras que fez até aos últimos anos de vida, sentisse as deficiências da sua preparação como investigador e o seu temperamento fosse mais de expositor fino e claro do que de autêntico criador de Ciência. Mas as preocupações metodológicas e interpretativas passaram do

ensino superior ao ensino liceal e mesmo primário, pois vimos que não desdenhou escrever para ele um compêndio. Da sua obra, geralmente esquecida dos geógrafos mais novos, joeiram-se algumas páginas luminosas e densas, para que ultimamente tenho procurado chamar a atenção. Por isso H. LAUTENSACH, a propósito do seu desaparecimento, e a despeito de alguns trabalhos notáveis da escola de Coimbra, pôde considerá-lo «o mais ilustre representante da Ciência geográfica em Portugal».

ORLANDO RIBEIRO

#### RÉSUMÉ

*Silva Telles, créateur de l'enseignement de la Géographie au Portugal.* Né à Goa en 1860, d'une vieille famille d'origine portugaise, il étudie la médecine au Portugal puis l'exerce tour à tour au Mozambique, à Lisbonne, en Angola. Ses premiers travaux scientifiques sont consacrés à des thèmes d'Anthropologie et de Géographie coloniales et en particulier à l'influence du climat sur la colonisation portugaise. En 1904 il obtient par concours la chaire de Géographie, nouvellement créée au Cours Supérieur de Lettres de Lisbonne.

Son œuvre la plus originale est un article sur «Le concept scientifique de Géographie» (1916). Il montre qu'elle doit se consacrer à l'étude de «l'unité organique» qu'est la surface terrestre, sous ses «trois aspects, physique, biologique et humain». En 1924, il publie un important travail: «Rapport sur la Climatologie Intertropicale et les Climats des Colonies Portugaises», où il se montre un précurseur de la Géographie zonale. Ses travaux sur le Portugal sont davantage le résultat d'une fine sensibilité que de recherches approfondies. Ses activités furent nombreuses et variées: il enseigne en diverses écoles, écrivit des manuels, fut secrétaire de la Société de Géographie, collabora au «Guide du Portugal», fut député et ministre de l'Éducation. N'ayant pas formé de disciples directs, son œuvre est aujourd'hui injustement oubliée.

#### SUMMARY

*Silva Telles, a pioneer in the teaching of Geography in Portugal.* He was born in Goa in 1860 and belonged to an old family of Portuguese origin. He read medicine in Portugal and later became a practitioner in Mozambique, Lisbon and Angola. His first scientific publications were devoted to problems in colonial Anthropology and Geography, particularly the influence of climate upon the process of Portuguese colonization. In 1904 he was appointed to the chair of Geography which had recently been created in the Curso Superior de Letras in Lisbon.

His most original contribution was a paper on «The scientific conception of Geography» (1916). He showed that Geography should study the «organic unity» formed by the surface of the earth in «its three aspects: physical, biological and human». In 1924 he published an important work, «A Report on inter-tropical climatology and the climate of the Portuguese colonies», which makes him a pioneer of zonal Geography. His works on Portugal are the result of his clear insight rather than the outcome of deep research. The range of his activities was wide and varied: he taught in several schools and wrote textbooks, he became Secretary of the Geographical Society and collaborated in the *Guide to Portugal*, he was a member of Parliament and Minister of Education. His work has been unjustly neglected mainly because he did not have any direct disciples.